

Coleção Fotográfica de Edmundo Dansot de 1960 a 2010¹

Renata Maria Victor de ARAÚJO²

Julianna Nascimento TOREZANI³

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

As coleções fotográficas reúnem informações que ajudam a contar os fatos históricos, pois são importantes documentos visuais que podem ser interpretados para ampliar as possibilidades de estudos acerca de locais e épocas. De 1960 a 2010 o Nordeste brasileiro foi registrado pelo fotógrafo francês Edmond Dansot (1924-2010), sua obra é composta de mais de cem mil imagens que tratam da fauna, flora, monumentos arquitetônicos, praias, acontecimentos históricos, expressões da cultura popular, religião, artes visuais, personalidades e política. Como aporte metodológico o trabalho foi elaborado a partir da pesquisa bibliográfica, pesquisa documental (em destaque para a coleção do fotógrafo que se encontra na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife) e a técnica de entrevista com a família de Dansot e pesquisadores.

PALAVRAS-CHAVE: Coleção Fotográfica; Edmond Dansot; Nordeste.

Importância das coleções fotográficas

Tudo aquilo que possui registro de uma informação é documento, seja ela em que suporte for. Como afirma Sebastiana Vieira (1999), “o homem desde os mais remotos tempos precisou registrar sua existência, deixar informações, ou por necessidade de sobrevivência ou por prazer. Assim foram aparecendo os documentos”. Também a respeito de documentos, Heloísa Belloto (1991) diz que, segundo a conceituação clássica e genérica, documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual as pessoas se expressam. É o livro, o artigo de revista ou jornal, o relatório, o processo, o dossiê, a correspondência, a legislação, a estampa, a tela, a escultura, a

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Coordenadora e professora do Curso Superior de Tecnologia em Fotografia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Coordenadora da Especialização As Narrativas Contemporâneas da Fotografia e do Audiovisual da UNICAP. Coordena o curso de extensão Ganhando Assas Através da Comunicação e da Arte da UNICAP. Professora do curso de Jornalismo da UNICAP. Coordena a Revista Unicaphoto (ISSN 23578793). Mestranda em História pela UNICAP. Especialista em Design da Informação e Bacharel em Design pela UFPE, e-mail: fotorenatavictor@gmail.com

³ Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Cultura e Turismo e Bacharel em Comunicação Social – Rádio e Televisão pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), e-mail: juliannatorezani@yahoo.com.br

fotografia, o filme, o disco, a fita magnética, o objeto utilitário etc., enfim tudo o que seja produzido por razões funcionais, jurídicas, científicas, técnicas, culturais ou artísticas pela atividade humana. Torna-se evidente, assim, a enorme abrangência do que possa ser documento.

Michel Foucault, na obra *Arqueologia do Saber* (originalmente publicada em 1969), afirma que os documentos são construções discursivas carregadas de intencionalidades e os monumentos consolidam estas construções como verdades, visto que a história transforma os documentos em monumentos. Dessa forma, as fotografias podem se tornar monumentos a partir do tratamento e da interpretação que receberem: “jogando um pouco com as palavras que a história, em nossos dias, se volta para a arqueologia – para a descrição intrínseca do monumento” (FOUCAULT, 1997, p. 8). Através da fotografia é possível obter pistas para desvendar fatos históricos, guardar lembranças, ativar a memória, representar o que já passou, entre tantas outras possibilidades que a imagem permite.

Deste modo, documento é tudo aquilo que registra uma informação independentemente do valor que a ela venha a ser atribuído. Consequentemente, ele tem uma grande importância para a instituição que o criou. Entre os vários tipos de documentos estão as coleções fotográficas, como explica Ana Maria Mauad:

Quando as fotografias passam a integrar o patrimônio histórico de um país, tornam-se imagens públicas, que revelam muito mais do que pulsão individual por duplicar o mundo à sua imagem e semelhança. Nesse sentido, conceber as coleções fotográficas como parte integrante do patrimônio histórico implica uma forma de agenciamento do objeto fotográfico que lhe subtrai o valor de mercadoria e fetiche e lhe reintegra seu valor de relação social, produto do trabalho humano e resultado da experiência histórica (MAUAD, 2014, p. 122).

Uma das unidades de informação que armazena fotografias são os arquivos. A partir de 1929, teve-se uma abertura no sentido de documento e os arquivos começaram a absorver esses novos documentos em seus acervos; também começou-se a pensar em formas de organização para esses documentos, que são fundamentais tanto para a instituição a qual esse documento pertence quanto para a pessoa que porventura possa vir a utilizar estes documentos, por permitirem sua recuperação e darem maiores possibilidades às pesquisas e consultas de forma geral. Como salienta Boris Kossoy (1999, p. 26), “o espaço e o tempo implícito no documento fotográfico subentendem

sempre um contexto histórico específico em seus desdobramentos sociais, econômicos, políticos, culturais”.

As coleções fotográficas são importantes pois reúnem informações visuais de formas sequenciadas e possivelmente organizadas, já que ao estarem em conjunto permite analisar o contexto em que o fato ocorreu, bem como distintos fatos que integram um lugar e/ou período, ampliando os estudos posteriores. De acordo com George Ermakoff,

O hábito de colecionar é inerente aos humanos, em maior ou menor escala. O que os diferencia em relação ao tamanho e ao valor de suas coleções muitas vezes está ligado a dedicação, oportunidade e, por que não dizer, disponibilidade de meios para adquirir novas peças. Alguns colecionadores que, de certa forma, conseguem aliar as três condições acabam formando acervos de grande importância cultural, o que automaticamente gera a necessidade de difusão desses acervos para o conhecimento da sociedade (ERMAKOFF, 2014, p. 63).

No Brasil existem importantes coleções fotográficas guardadas em instituições públicas que fazem um trabalho constante de preservação, como a “Coleção Thereza Christina Maria” doada pelo imperador Dom Pedro II para a Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e a “Coleção Francisco Rodrigues” que está na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife. A obra em estudo é a coleção que tem mais de cem mil peças, de Edmond Dansot, também presente na Fundação Joaquim Nabuco.

Para Kossoy (1999, p. 33), “a imagem fotográfica fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade”. E Natalício Batista Jr. (2009, p. 10) complementa quando indica que a fotografia tem uma especificidade: “há um uso social, como a utilização de fotos de personalidade que se transformam em documentos oficiais, publicados em jornais, revistas e livros, quanto um mais pessoal, relacionado à memória de seres amados que não estão mais vivos”.

A fotografia possibilita que se trabalhe o conceito de primeira e segunda realidade da fotografia no percurso do estudo: a realidade exterior e a realidade interior. O registro fotográfico de uma cena apresenta um fragmento da história consolidado na dramatização de um determinado espaço e tempo. Há nele informações que, por mais que sejam superficiais ou minúsculas têm seu grau de importância e de valor para contextualizar uma determinada época. Partindo deste princípio pode-se constituir um trabalho de pesquisa e de resgate de informação. Ainda de acordo Kossoy:

O assunto representado configura o conteúdo explícito da imagem fotográfica: a *face aparente e externa* de uma micro-história do passado, cristalizada expressivamente. É esse aspecto visível a *realidade exterior* da imagem, tornada documento. É esta a sua natureza, comum a todas as imagens fotográficas e que se constitui em sua *segunda realidade* (KOSSOY, 1999, p. 37, grifos do autor).

A análise das imagens fotográficas diagnostica a distinção entre os conceitos da primeira realidade da fotografia, compreendida como o passado, ou seja, a história particular do assunto e da segunda realidade da fotografia, que é o assunto representado, portanto, o aparente. Esses dois conceitos contribuem para um estudo mais apurado no processo de construção teórico na elaboração da pesquisa imagética. Kossoy (1999, p. 37-38) relata que: “A fotografia implica uma transposição de realidades: é a transposição da realidade visual do *assunto selecionado*, no contexto da vida (*primeira realidade*), para a realidade da representação (imagem fotográfica: *segunda realidade*); trata-se pois, também, de uma transposição de dimensões” (grifos do autor).

Por meio da segunda realidade poderá se resgatar a primeira e essa auxiliará para a recuperação da memória. Ressaltamos que, a memória através das imagens fotográficas estabelece conexões de memorização. O resgate de informações individuais ou coletivas constitui uma construção historiográfica, independente de qual o tipo de suporte que esteja proporcionando as informações ou evidências, seja ele pedra, carta, jornal, revista, rádio, televisão, fotografia, cinema, internet etc. Tratando-se das imagens fotográficas, estas possibilitam proporcionar a reconstituição de uma história inteligível que fornece informações subsidiárias para trabalhar no resgate da memória. A reconstrução do passado de uma sociedade proporciona alicerce para que haja uma leitura do presente e uma visão futurista, estruturando continuamente suas identidades. Como aponta Ana Cláudia de Araújo Santos (2013, p. 162): “A documentação dos acervos culturais é um procedimento que vem se configurando com uma atividade prática e sistêmica. Dentro desses acervos destaca-se o processo documental para os registros fotográficos, que vem ganhando mais atenção, visando sua valorização e preservação”.

Roland Barthes (1984, p. 48) relaciona a fotografia com os mitos do fotógrafo, este, dota a produção do registro imagético de funções: informar, representar, surpreender, fazer significar, dar vontade. Ainda referente à questão supracitada, Ricardo Rodrigues (2007, p. 70) sustenta que a interpretação do receptor (espectador) terá influência através das “suas próprias imagens mentais e por todo o aparato cognitivo, cultural, ideológico, religioso, político etc., que adquiriu durante os anos e que são parte

de sua vida”. Para Barthes (1984), a fotografia é inclassificável, esta é a reprodução ao infinito, inédito, existência singular e única, ou seja, sem repetição, ela repete mecanicamente o que não será repetido existencialmente. O autor relata que a fotografia “proporciona de forma instantânea certos detalhes que estabelece o próprio material do saber etnológico” (BARTHES, 1984, p. 49).

A função documental da fotografia é fundamental para a historiografia. Ao longo do último século e meio de existência do artefato fotográfico o seu aspecto documental foi se transformando. A maneira de registrar ganhou nuances que variavam respondendo aos regimes visuais de épocas distintas. Como aponta Annateresa Fabris,

Temática ou enciclopédica, a coleção fotográfica é uma abstração determinada pelo sujeito, que classifica, cataloga, ordena seus ícones, criando séries e sequências que lhe permitem replasmar o mundo, forjar totalidades, cuja lógica é ao mesmo tempo pública e privada. Se, de um lado, o indivíduo elabora sua coleção a partir de um repertório em grande parte pré-constituído e que responde às questões culturais e científicas colocadas em pauta pelo momento histórico, há determinações próprias na base de cada conjunto, nas quais a ordem e a reunião convivem com o jogo e com a possibilidade da substituição indefinida (FABRIS, 2009, p. 38).

André Rouillé (2009) utiliza a expressão fotografia-documento para explicar sobre os álbuns fotográficos como um inventário do real. Tendo em vista que o autor separa a fotografia química/analógica ao utilizar o termo fotografia-documento e a fotografia digital com o termo fotografia-expressão; o documento vem da tangibilidade criada no século XIX e amplamente produzida no século XX, já no final deste século em diante integra uma outra forma de produção imagética através de novos dispositivos, em que a imagem sai do papel para a tela.

“A união fotografia-álbum constitui, desse modo, a primeira grande máquina moderna a documentar o mundo e a amearhar suas imagens. Antes do desenvolvimento das agências e dos arquivos, o álbum e a fotografia-documento funcionaram em simbiose durante quase um século” (ROUILLÉ, 2009, p. 98). Diante das diversas missões fotográficas, Rouillé lembra que a fotografia também está ligada ao museu, ao álbum e ao arquivo que configuram “máquinas de depósito, de coleta, de tesaurização, que acumulam e conservam vestígios de ontem, bem como os fragmentos atuais e de outros lugares” (ROUILLÉ, 2009, p. 100). Ao agrupar as imagens há uma produção de sentido através da classificação que propõe ordenar, os colecionadores e profissionais de acervos fotográficos fazem uma catalogação tendo em vista uma intencionalidade discursiva

daquilo que será visto e dessa forma pode até criar uma certa narrativa, assim, “ao agrupar, o álbum gera coerência, lógica, unidade” (ROUILLÉ, 2009, p. 105).

Edmond Dansot: cinquenta anos de fotografia

Autor, professor e mentor de projetos na área da fotografia, em um período muito rico e produtivo para esse campo da arte e da cultura no país, no qual Pernambuco ocupou lugar de destaque, Edmond Dansot é de inquestionável importância para a memória e a história da fotografia brasileira da segunda metade do século XX e da primeira década do século XXI. Ele fez parte das últimas gerações de fotógrafos que se formaram e atuaram profissionalmente sob a hegemonia da fotografia analógica e desenvolveu um trabalho essencialmente autoral, primando por preservar e valorizar a dignidade humana em todos os registros fotográficos.

Edmond Jacques Pierre Dansot nasceu na cidade de Iseste, na França, em 1924. Com apenas treze anos de idade, veio para o Recife para ser missionário Marista. Lecionou na congregação por vinte anos, no Recife e em Belém, no Pará. Em Belém, travou os primeiros contatos com a fotografia ao se tornar aprendiz do fotógrafo alemão Fritz Liebmann. Abandonou a congregação para abraçar a fotografia, tornando-se colaborador do *L'Equipe*, ainda hoje o principal jornal de esportes da França.

Figura 1- Documento pessoal de Dansot.



Fonte: Acervo da FUNDAJ.

Figura 2 – Documento pessoal de Dansot.



Fonte: Acervo da FUNDAJ.

Dansot passou a viver da fotografia trabalhando para os principais jornais do Recife e do Nordeste, e para periódicos de grande circulação nacional, a exemplo da

revista *O Cruzeiro* e do jornal *Folha de São Paulo*, ao mesmo tempo em que se dedicava ao seu estúdio particular. Em paralelo, desenvolveu importantes trabalhos para diversos órgãos governamentais, nas instâncias federal e estadual. Prestou serviços para os governos do Maranhão, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco e de Alagoas; como também para instituições federais de atuação regional e nacional, a exemplo do DNOCS, CHESF, Eletrobrás, Petrobrás, INCRA, EMPETUR, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Museu do Açúcar. Mas foi junto a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), entre o final da década de 1960 e ao longo da década de 1970, que seu trabalho ganhou nova dimensão enquanto registro documental da realidade social cotidiana da Região Nordeste e novo valor de memória para si próprio e para a sociedade.

Matéria publicada no *Diário de Pernambuco* (*online*), em 30 de março de 2012, remete à notícia divulgada pelo mesmo em 2003, na qual dizia que Dansot “tinha um projeto no Brasil: documentar a rotina dos nordestinos na região que despertava sob os auspícios da Sudene”⁴. A par desse trabalho, Dansot participou dos movimentos artísticos locais em torno da fotografia, produzindo imagens com essa finalidade e contribuindo para a formação de novas gerações de profissionais e artistas fotógrafos. Faleceu no Recife, em 3 de março de 2010. Seus seis últimos anos de vida foram dedicados ao levantamento e à catalogação de suas fotografias autorais. Giselle Dansot, esposa de Edmond Dansot explica sobre o trabalho em entrevista realizada este ano.

Essas reportagens que ele fez no interior do Nordeste despertou nele o olho quase biônico que era aliada a uma percepção, a uma sensibilidade, um lado humano muito grande, que permitia a ele compreender o sofrimento, a dificuldade desses artistas, o mesmo desse lavrador, desse povo nordestino que todo mundo sabe que é muito provado pela seca, pela dificuldade da cultura. Então, Edmond era o ser que se entusiasmava com o trabalho que ele realizava (DANSOT, G., 2019).

Dansot decidiu radicar-se no Brasil, optando por habitar no Nordeste. Ainda que indireta e não intencionalmente, parece filiar-se a uma remota tradição estético-cultural e intelectual francesa para a qual a imagem do Brasil permanece ligada à ideia do exotismo, ainda que a noção do termo sofra alterações em consonância com os vários momentos históricos. Muitos desses intelectuais e artistas de origem francesa que vieram para o

⁴ MORRE Edmond Dansot, fotógrafo francês radicado no Recife. Disponível em: <<http://www.old.diariodepernambuco.com.br/default/imprimir>>. Acesso em: 08 ago. 2012.

Brasil se interessaram por desvendar, conhecer e compreender profundamente o país. Em comum, possuíam a especial sensibilidade para perceber o “outro”, seja o outro exótico ou o diverso e o diferente, e fizeram da fotografia uma grande aliada nessa jornada. Pierre Verger (1902-1996) e Marcel Gautherot (1910-1996) foram dois desses personagens exemplares.

Nomes consagrados no panteão da fotografia do século XX, suas obras são reconhecidas como patrimônio cultural brasileiro, integrando o repertório memorial do país. Mestiçagem, diversidade cultural, sincretismo religioso, contrastes sociais e geográficos, cidades em vertiginoso e descontrolado processo de crescimento, luminosidade intensa, exuberantes paisagens tropicais. As imagens fotográficas por eles produzidas amiúde representam a nação ou a Região Nordeste em narrativas ilustradas oficiais ou autônomas. Suas fotografias constituem fontes de pesquisa inesgotáveis para cientistas dos mais diversos campos disciplinares e vieses interpretativos, reforçam teses e argumentos em livros de história, etnografia, antropologia, sociologia e de arte, movimentam-se em vídeos e filmes, transmitem informações e saberes, questionam ou reafirmam estereótipos.

Dansot mostrou-se herdeiro dessa sensibilidade comum aos franceses que buscaram conhecer um Brasil que pulsava para além dos clichês e dos guias turísticos. Ao longo de cinquenta anos, entre 1960 e 2010, obstinou-se por apreender a realidade econômica, social, cultural e ambiental da Região Nordeste, utilizando-se para isso do seu talento e da sua câmera fotográfica. De acordo com sua filha, Veronique Dansot conta em entrevista que,

Tem algumas cenas que são inesquecíveis, nos finais de semana nós saíamos juntos, minha irmã, minha mãe, minha vó algumas vezes também, éramos ajudantes, carregando algumas vezes os equipamentos, nos sentindo também ajudantes profissionais. E uma certeza que nós herdamos, que nós conseguimos captar foi a forma de olhar. Papai tinha a intenção de olhar o belo e às vezes do nada nós nos lembramos um ângulo que teria apreciado. Não chegava para nos ensinar como colocar os ajustes das máquinas nada disso, mas fotografávamos desde a infância, todas nós. A minha primeira máquina foi em torno de uns oito ou nove anos, minha irmã foi com três, tivemos esse modo diferente das outras pessoas de olhar a vida” (DANSOT, V., 2019).

Dansot vivenciou os processos de mudança pelos quais passava a sociedade brasileira em nova fase de industrialização e urbanização, cujo principal propulsor, nas décadas de 1960 e 1970, no Nordeste, era a SUDENE. Período também dos complexos

“anos de chumbo” impostos pelo regime militar à sociedade brasileira. Sobre este assunto, os textos encontrados sobre Dansot silenciam. Não se sabe sobre a repercussão deste contexto político na sua produção fotográfica, mas é possível que o conjunto de sua obra venha a falar, o que só uma análise minuciosa das fotografias poderá dizer.

Encerrado esse período, continuou a fotografar o Nordeste brasileiro até os anos próximos de sua morte, em 2010 - estuários, cidades, mangues vivos, mangues soterrados, mocambos, palafitas, conjuntos habitacionais, vilas operárias, edifícios, “arranha-céu”, viadutos. Fragmentos das misérias e opulências das cidades podem ser vistas nas imagens fotográficas deixadas por Dansot, ainda que esta não tenha sido sua intenção ao imortalizá-las. Ficaram os registros, sobrevivem as memórias. Como afirma Anne Cartier-Bresson (2004, p. 1) que a fotografia serve para “prolongar a aparência das coisas, difundir os conhecimentos e conservar a memória”.

Coleção Edmundo Dansot: imagens do Nordeste brasileiro

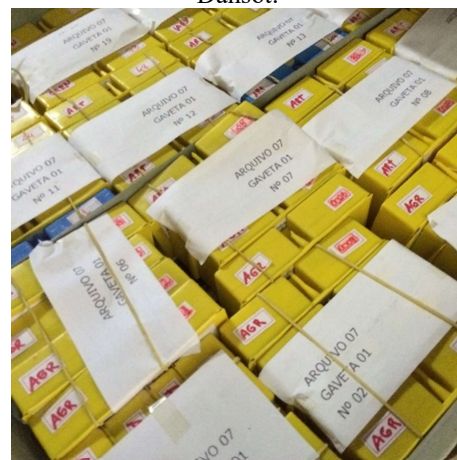
A coleção fotográfica do fotógrafo francês Edmond Dansot foi adquirida pela Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), órgão federal com sede em Recife, em dezembro de 2014, composta por 123.791 documentos fotográficos — negativos 35 mm e 12 mm, em preto e branco, *slides* e cromos coloridos, compreendendo o período de 1960 a 2010, no qual o autor exerceu a profissão de forma constante e contínua em suas diversas frentes profissionais registrando o Nordeste brasileiro por 50 anos.

Figura 3 - Coleção Fotográfica de Dansot.



Fonte: Acervo da FUNDAJ.

Figura 4 - Arquivos da Coleção Fotográfica de Dansot.



Fonte: Acervo da FUNDAJ.

Além da dimensão fortemente documental, a obra de Dansot possui qualidades estéticas notáveis. Trata-se de um fotógrafo várias vezes premiado em concursos locais e nacionais, inclusive nos que o extinto Museu do Açúcar promovia até ser incorporado à Fundação Joaquim Nabuco, em 1977. Os negativos originais dessas imagens premiadas encontram-se no conjunto documental. Para Beti Lacerda, coordenadora de Documentação e Pesquisa da FUNDAJ,

O fotógrafo Edmond Dansot foi de uma importância primordial para a região, não só para Pernambuco, mas para toda Região Nordeste, porque ele documentou essa terra, essa região com uma preciosidade extraordinária. Então seu acervo é um acervo além de volumoso, é um acervo importantíssimo porque registra vários aspectos dessa região, desde a natureza, a paisagem, a arquitetura, a gente do Nordeste. A fotografia de Edmond Dansot é irreparável, ela é inquestionável na sua qualidade” (LACERDA, 2019).

O acervo produzido e acumulado é imenso. O repertório de temas e assuntos presentes na coleção, vasto e extremamente diversificado. Infinitas as possibilidades de arranjos documentais e de utilização das imagens como fontes de pesquisa científica, recursos pedagógicos e elementos para criação artística e cultural. A classificação que se sugere é apenas uma, dentre as inúmeras alternativas:

- a) Fauna e flora – Aspectos panorâmicos da fauna e flora e em detalhes de alguns exemplares.
- b) Paisagem rural – Fotografias de terras áridas e secas; palmeiras nos estados mais ao norte, no Maranhão e no Piauí; monocromia do canavial unindo a Região, do Rio Grande Norte à Bahia; algodoads pontuando de branco a terra escura. Usinas e engenhos de açúcar. Tipos humanos: pequenos sítiantes, roceiros e fazendeiros; cortadores de cana, vaqueiros, rendeiras, carvoeiros, artesãos do barro, lavadeiras à beira dos rios, pescadores de arrastão e os de vela e jangada. Caça a baleia na Paraíba. O ciclo de vida nas estradas do Nordeste, do Recife ao Aracati. Inscrições rupestres em Ingá do Bacamarte, na Paraíba. Áreas irrigadas no semiárido.
- c) Cidades – As grandes capitais e as pequenas cidades interioranas do Nordeste, com seu mosaico de tipos humanos e de estilos arquitetônicos, gritantes desigualdades sociais, as tensões e acomodações entre o velho e o novo na paisagem urbana, o ir e o vir do cotidiano. Assim também, o crescimento acelerado, construções, ruínas, concentração demográfica, urbanização desordenada. Indústrias, serviços de infraestrutura urbana: portos, eletrificação, fornecimento de água, saneamento. Aspectos aéreos das cidades de Salvador, Maceió, Recife, João Pessoa, Campina

Grande, Natal, Fortaleza, Belém. Aéreas também de Oeiras, antiga capital do Piauí, e Sete Cidades.

- d) Edificações e monumentos arquitetônicos - No espaço urbano, sobrevivem marcas do passado projetadas nas ruas, avenidas, rodovias, pontes, praças, parques, edificações, telhados, fortes, igrejas, ruínas. Colégios, escolas técnicas, universidades, hospitais, manicômios, presídios, cemitérios, museus. Lá estão elas, fixadas pelas lentes de Dansot em um determinado momento do fluir da história entre 1960 e 2010: passado, presente e futuro, de ontem e de hoje.
- e) Praias - Urbanas e as mais distantes, dispersas, espalhadas pelos municípios dos nove estados da Região. Praias semidesertas, praias sendo loteadas para veraneios, praias ocupadas por complexos hoteleiros. Praias em festa, barcos em cortejos das procissões religiosas, berço para oferendas sagradas, lugar de faina diária e, também, da simples contemplação.
- f) Acontecimentos históricos - Vividos na dimensão do cotidiano, há conjuntos de imagens sobre: enchentes do Recife; visita do presidente João Goulart ao Engenho Massangana, em 1963, hoje sob os cuidados da Fundação Joaquim Nabuco, dando início à primeira experiência de reforma agrária em Pernambuco, projeto inteiramente suprimido nos anos subsequentes. Construção das barragens de Tapacurá e de Pirapama, em Pernambuco. Marco inaugural da implantação do Complexo Industrial e Portuário de Suape, Pernambuco. Fotos aéreas do Polo Petroquímico de Camaçari, na Bahia. Embarque da primeira exportação de uvas do Vale do São Francisco para a França. Os últimos dias da Casa de Detenção do Recife, convertida em Casa da Cultura.
- g) Expressões da cultura popular - Registros de manifestações culturais populares praticadas de Belém do Pará a Salvador, do litoral ao sertão: Bumba-meu-boi (São Luís - MA), Capoeira (Salvador - BA), Carnaval (Recife e Olinda, São Luís do Maranhão), Bordadeiras (Passira - PE), Ciranda (PE), Coco de Praia (CE), Cavilhada (AL), Missa do Vaqueiro e Vaquejada (Serrita - PE), Brigas de Galo, Festa da Pitomba (Jaboatão - PE), Reisado (AL), Quadrilha (PE), Procissão do Círio de Nazaré (Belém do Pará), Buscada de São Gonçalo (Igarassu – PE), Festa e Procissão de São José do Ribamar (São Luís – MA); Feira de Fumo (Arapiraca – AL).
- h) Cultura afro-indígena e religiosidade - O sincretismo religioso é um dos aspectos mais exaltados e presentes nas narrativas sobre a cultura brasileira. O acervo fotográfico de Dansot oferece farto manancial aos pesquisadores: Missa, Festa e Toré dos índios Xucuru, em Vila de Cimbres, Pernambuco; Banquete dos Exus em Olinda, Xangôs do Recife, Candomblé da Bahia; Festa de Iemanjá no Recife e em Salvador; Lavagem

do Senhor do Bonfim, oferendas do Terreiro de Mãe Almirinha em alto mar, pescadores levando oferendas ao Caboclo do Rio.

- i) Artes visuais - Presentes na obra de Dansot, sejam por meio da reprodução de obras de diversos artistas, sejam pelos retratos de artistas de várias gerações: Aldemir Martins, Ariano Suassuna, Abelardo da Hora, Cícero Dias, Corbiniano Lins, Francisco Neves, Francisco Brennand, Hélio Feijó, Lula Cardozo Ayres, Montez Magno, Murilo La Greca, Paulo Bruscky, Roberto Lúcio, Reynaldo Fonseca e outros.
- j) Sociabilidades, personalidades e política – Sociabilidades, cerimônias de casamento, recepções em casas particulares de membros das elites regionais, retratos de pessoas pertencentes à burguesia e à classe média urbanas, conjunto a flertar especialmente com a monumental Coleção Francisco Rodrigues, pertencente ao acervo fotográfico da Fundação Joaquim Nabuco. Personalidades políticas: Presidente Juscelino Kubitschek, Presidente João Goulart, Presidente Costa e Silva, Presidente Ernesto Geisel, Presidente François Mitterrand; Dom Helder Câmara; Governador Miguel Arraes, Governador Paulo Guerra, Governador Moura Cavalcanti, Governador Nilo Coelho; prefeitos, candidatos a deputados estaduais e federais e a vereadores. Artistas, intelectuais, celebridades: Gilberto Freyre, Mauro Motta, Edson Nery da Fonseca, Ayrton Carvalho, René Ribeiro, Edson Arantes do Nascimento, Ayrton Senna, Capiba, Alceu Valença.

Figura 5 – Plantio de algodão no interior de Pernambuco. Foto de Edmond Dansot.



Fonte: Acervo da FUNDAJ.

Figura 6 – Sertão de Pernambuco. Foto de Edmond Dansot.



Fonte: Acervo da FUNDAJ.

A Coleção Edmond Dansot é formada por imagens de excelente qualidade de praticamente todos os estados da Região e de algumas de suas principais cidades. Aspectos dessas cidades capturados durante cinco décadas, registrados pelas lentes de Dansot, testemunharam o processo de transformação urbana pelo qual passaram e que se

acelerou sobremaneira no final do século XX. Esta coleção existe pela vontade do próprio fotógrafo que organizou suas imagens com o devido cuidado reconhecendo o valor do seu trabalho em cinco décadas criando as fotografias. Importante observar as palavras de Luis Pavão (2004) neste sentido.

Museus, arquivos, bibliotecas e organismos regionais revelam uma atitude mais dinâmica e interessada na valorização e preservação das suas coleções. [...] De um modo geral, os responsáveis por coleções de fotografia mostram vontade de preservar as coleções a seu cargo. Esta vontade estende-se também a colecionadores de fotografia e a fotógrafos que encaram os seus arquivos como valor histórico (PAVÃO, 2004, p. 7).

Todo o acervo fotográfico de Dansot está em fase de digitalização na Fundação Joaquim Nabuco, iniciado pela categoria “Expressões da cultura popular”, deste modo ainda não está totalmente aberta aos pesquisadores. Ao receber a coleção, esta passou por diagnóstico e constatou-se que foi muito bem organizada pelo fotógrafo e encontra-se em ótimo estado de conservação, por isso que não houve necessidade da etapa de higienização, podendo assim ser encaminhada para digitalização, o que permite ampliar as possibilidades de pesquisa desta em pouco tempo. Para Sandra Baruki e Nazareth Coury (2004, p. 4), “a reprodução fotográfica restringe o constante manuseio dos originais fotográficos, contribuindo assim para a sua preservação”. Entendendo reprodução como a duplicação ou digitalização das imagens, o segundo processo é o que ocorre nas coleções fotográficas da Fundação Joaquim Nabuco. Esta digitalização permite salvar a informação dos materiais com deterioração intrínseca aos processos fotográficos e gerar um arquivo de segurança.

Considerações Finais

A documentação fotográfica nos remete a pensar a fotografia enquanto um exercício de arquivamento e memória no contexto das reflexões empreendidas sobre a imagem fotográfica na experiência histórica contemporânea. Respondendo a demandas das conjunturas históricas em que foram gestadas, como também a questões do presente, que podem envolver políticas de acervo, processos institucionais e ressignificações da memória, ao longo de seus circuitos sociais. Lembrando as palavras de Jacques Le Goff (1996, p. 476-477) quando afirma que “a memória é um elemento essencial do que se

costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje”. Dada a importância da preservação de acervos documentais, sobretudo visuais no caso em análise, o autor indica que “a memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1996, p. 476-477). Já que as fotografias estão possivelmente entre os objetos que se pretendem guardar e mostrar para as futuras gerações.

Desse modo, para ter acesso as coleções fotográficas são necessários procedimentos de preservação de tais documentos, em que as instituições possuem regras específicas com treinamento da equipe local e de pesquisadores externos, o acesso aos originais raros ou frágeis é limitado e monitorado, deve-se usar luvas de algodão ou cirúrgicas para manuseio seguro (em alguns casos também se utilizar máscaras e aventais). Foi pela perda e danificação de inúmeras imagens fotográficas que se teve a consciência de preservá-la e conservá-las, que se exige especialização. As imagens carregam as marcas do tempo, com suas alterações e desfigurações, além de possuir apreensão pluridisciplinar. Segundo Anne Cartier-Bresson (2004, p. 2), “os estudos e as pesquisas sobre a fotografia se desenvolvem: a história simples das técnicas se enriquece com a tomada de consciência das dimensões estética, cultural e didática das imagens”.

A Coleção Edmond Dansot possui valor histórico de imensa importância pois apresenta por um longo período (imagens feitas durante 50 anos), de uma grande área que é a Região Nordeste e de diversos temas. Em mais de cem mil fotografias há uma documentação histórica que deve servir para pesquisar sobre a natureza, a cultura, a política, a economia, a sociedade em suas diversas possibilidades. Dansot através do seu olhar mostra o povo nordestino em imagens elaboradas com finalidade jornalística, artística e documental, com uma específica abordagem e leitura estética própria.

Referências

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. Título original: *La chambre claire: note sur la photographie*.

BARUKI, Sandra; COURY, Nazareth. Treinamento em conservação fotográfica: a orientação do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte. In: **Cadernos técnicos de conservação fotográfica**, 1. 3 ed. rev. Rio de Janeiro: Funarte, 2004. [Organização do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte].

- BATISTA JR, Natalício. Fotografia e Memória: Contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização. In: **Revista Belas Artes**, São Paulo. Ano 1, n.1, set-dez 2009. ISSN 2176-6479. Disponível em: <<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/1/revista-ba-foto-memoria.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2016
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- ERMAKOFF, George. Coleção Francisco Rodrigues: a fotografia e o mundo dos colecionadores. In: ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa; MOTTA, Tereza Alexandrina (orgs.). **O retrato e o tempo**: Coleção Francisco Rodrigues, 1840-1920. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2014.
- CARTIER-BRESSON, Anne. Uma nova disciplina: a conservação-restauração de fotografias. In: **Cadernos técnicos de conservação fotográfica**, 3. 3 ed. rev. Rio de Janeiro: Funarte, 2004. [Organização do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte].
- FABRIS, Annateresa. A fotografia como objeto de coleção. In: **Fotografia e arredores**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. Título original: L'Archéologie du savoir.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. Título original: Storia e Memoria.
- MAUAD, Ana Maria. Opulência e distinção social nas fotografias da Coleção Francisco Rodrigues. In: ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa; MOTTA, Tereza Alexandrina (orgs.). **O retrato e o tempo**: Coleção Francisco Rodrigues, 1840-1920. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2014.
- PAVÃO, Luís. Conservação de fotografia – o essencial. In: **Cadernos técnicos de conservação fotográfica**, 3. 3 ed. rev. Rio de Janeiro: Funarte, 2004. [Organização do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte].
- RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. **Análise e tematização da imagem fotográfica**. Ci. Inf., Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1006/737>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- ROUILLÉ, André. **A fotografia**: entre documento e arte-contemporânea. Tradução de Constança Egredas. São Paulo: Senac São Paulo, 2009. Título original: La photographie.
- SANTOS, Ana Cláudia de Araújo. Memória, documento e informação: uma proposta para a documentação do acervo fotográfico da Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. In: RIBEIRO, Emanuela Sousa; AGUIAR, Sylvana Maria Brandão de (orgs.) **Universidades & Patrimônio Cultural**: diálogos. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. (Série Extensão).
- VIEIRA, Sebastiana Batista. **Técnicas de arquivo e controle de documentos**. Rio de Janeiro: Temas&Idéias, 1999.